

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CÂMPUS CURITIBA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

DENISE LISBOA DE ALMEIDA

**SUICÍDIO ENTRE OS *KAIOWÁ*: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA**

CURITIBA

DENISE LISBOA DE ALMEIDA

**SUICÍDIO ENTRE OS KAIOWA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Nélio Pereira da Silva

**CURITIBA
2010**

DENISE LISBOA DE ALMEIDA

**SUICÍDIO ENTRE OS *KAIOWÁ*: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós Graduação em Psicologia Analítica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

COMISSÃO EXAMINADORA

Nélio Pereira da Silva

Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho

Renata Cunha Wenth

**Àquele que nunca vai deixar de querer
mudar o mundo. É uma honra trilhar
este caminho ao seu lado.**

RESUMO

O suicídio entre os *guarani-kaiowá*, apesar de ser fenômeno já conhecido de diversas áreas do conhecimento, tem poucos estudos pelo ponto de vista da psicologia. O presente trabalho baseia-se na importância que deve ser dada ao que os próprios indígenas dizem sobre o fenômeno, que ao contrário do que se espera, é sempre encarado como homicídio, causado através de feitiço. A visão do suicídio como algo causado por um elemento externo levanta proximidade com a concepção de sombra, podendo apontar para a falta de integração de conteúdos psíquicos, que antes eram incorporados através de rituais como a antropofagia e migrações rumo a terra sem mal, que agora não podem mais ser realizados. Baseado na literatura disponível e nas hipóteses levantadas, como o complexo guerreiro-antropofágico e na cosmologia guarani, busca-se trazer uma contribuição da psicologia analítica sobre o suicídio, com enfoque no sentido teleológico e na visão do fenômeno como uma “fala” da alma e de suas demandas.

Palavras-Chave: Suicídio. *Kaiowá*. Psicologia. Alma.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Crianças <i>guarani-kaiowá</i> na aldeia de Sucury.....	11
Figura 2: <i>Guarani-kaiowá</i> com um <i>macará</i>	18
Tabela 1: Estatísticas de suicídio.....	20
Figura 3: Kaiowa entre instrumentos tradicionais uma cruz.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 PAÍ-TAVYTERÃ	12
2.1 NOMES.....	12
2.2 MODO DE SER.....	13
2.3 <i>TEKOHA</i>	14
2.4 MIGRAÇÕES.....	15
2.5 TERRA.....	16
2.6 CONTEXTO.....	17
3 SUICÍDIO	19
3.1 ESTATÍSTICA.....	19
3.2 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA.....	20
3.3 PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1 INTRODUÇÃO

Qualquer afirmação a respeito da alma humana (se é que isto é possível), é, ao mesmo tempo, correta e incorreta. (HILLMAN, 2009, p. 17)

Limitação será a palavra que melhor definirá esta monografia. Isto porque é totalmente baseada em referências bibliográficas, sem nenhuma pesquisa de campo e nenhum conhecimento vivencial da situação em que se encontram os índios *guarani-kaiowá*. O que atraiu a minha vontade para trabalhar este tema foi algo muito simples: como podem ocorrer suicídios em grande número em aldeias indígenas sem que a psicologia tenha se manifestado sobre o tema, através de estudos e inserção nas reservas, utilizando seu conhecimento específico e prática para compreender o que pode estar ocorrendo?

Através de minha irmã antropóloga soube da ocorrência destes suicídios, que apesar de ser assunto amplamente pesquisado pela antropologia, ainda não havia manifestações da psicologia sobre o fenômeno. Felizmente descobri que a questão não era totalmente ignorada pela psicologia. O primeiro estudo encontrado foi o de Maria Pereira (1995), uma psicóloga que fez um trabalho de campo na reserva de Dourados, local onde mais ocorrem suicídios. Infelizmente ela faleceu muito cedo e não pôde dar maiores contribuições, pois que o que ela deixou escrito parece ser muito pouco das informações que ela poderia compartilhar com todos nós. Durante os anos de sua atuação ocorreu uma diminuição significativa dos índices de suicídio na reserva. A partir de então, outras bibliografias chegaram ao meu conhecimento.

Dentro da psicologia analítica, o trabalho mais conceituado sobre suicídio foi feito por James Hillman (2009). Logo no início do livro ele faz diversas ressalvas sobre meios de abordar o suicídio, colocando que a única forma de tentar compreender o fenômeno a partir do interior é através de um contato individual (2009, p. 15), pois somente uma análise única poderá trazer alguma contribuição de fato. Generalizações, dados estatísticos, análises sociológicas, nada disto serve para quem quer uma compreensão a partir das demandas da alma.

Esta abordagem no meu caso era impossível de ser contemplada. Além de fatores como tempo curto, distância, dificuldade para conseguir acesso às reservas,

entre outros, um bom trabalho de campo em psicologia leva um longo tempo. Nada que fosse realmente viável para uma monografia de especialização.

Mesmo com todas as ressalvas colocadas por Hillman, não consegui fazer a escolha de abandonar o tema. Ele contempla algo como “a ponta do *iceberg*” de minha indignação com os olhos semicerrados da psicologia para o mundo ao redor. Ficamos tão centrados na dita “subjetividade”, que na verdade acabamos cegos à objetividade presente na subjetividade, já que estas divisões são didáticas. Não existe nada completamente objetivo, nem subjetivo. O conceito de inconsciente coletivo ou psique objetiva, de Carl Gustav Jung, que se refere ao mais profundo do ser humano, é talvez o que exista de mais objetivo. Mesmo com todos os momentos em que Jung fala da importância da atuação da psicologia no mundo, com transtornos mentais, da individuação e como ela é diferente de individualismo, a psicologia analítica ainda continua com seu olhar focado somente para a subjetividade de sujeitos ditos normais dentro de seus consultórios.

Ao mesmo tempo, não é fácil vislumbrar de que forma extrapolar este modelo tão enraizado na psicologia. Esta monografia provavelmente será mais uma tentativa que esbarrará nesta limitação; um trabalho baseado em teorias “*carai*” (como os *kaiowá* chamam os brancos), um estudo de “caras-pálidas” tentando compreender algo sobre os indígenas, sem ao menos poder escutar o que eles têm a dizer.

“A escolha, então, torna-se a seguinte: calar-se em nome da sabedoria, ou falar de qualquer maneira com consciência da loucura” (HILLMAN, 2009, p. 18). Apesar das limitações já apresentadas, a importância deste trabalho é no sentido de que a psicologia, mesmo fornecendo contribuições esparsas e teóricas, não deixe temas como este de lado. No momento que se adentra no estudo sobre o suicídio entre os *kaiowá*, percebendo o universo encantador de sua cosmologia e ao mesmo tempo as dificuldades que eles enfrentam, é difícil descartar este tema somente pelo fato de que sua complexidade é enorme e nossos recursos, escassos. O sentimento seria o de abandonar alguém que está lhe pedindo algo somente porque você não é a pessoa mais adequada para fazê-lo.

O mesmo Hillman (1995, p. 63) também coloca a importância da necessidade do “espelho”, para uma compreensão do outro. Quanto mais distante do outro mais difícil será exercer este papel. Porém, todos somos alma e a linguagem desta é uma só. O pouco registrado sobre o que os *kaiowá* pensam dos suicídios ainda não foi

analisado pelo ponto de vista da psicologia profunda. Portanto, ao menos como reflexão, existe uma viabilidade no presente trabalho.

Cada uma das pesquisas estudadas sobre o suicídio kaiowá mostra um aspecto como sendo mais relevante para a incidência do fenômeno. O confinamento na terra, a miséria, a aculturação, influências religiosas externas, etc. Seria muito simplista acreditar que somente um destes aspectos é o mais relevante, e felizmente nenhum dos artigos cai nesta ingenuidade. Desta forma, a contribuição desta monografia vai tentar ir em outra direção.

Partindo do pressuposto de que o suicídio é um ato simbólico, é possível pensar que estas mortes carregam consigo profundos significados. “O suicídio não deve ser apenas visto como uma saída da vida, mas como uma entrada na alma” (HILLMAN, 2009, p. 11). Portanto, o trabalho busca analisar simbolicamente o que o ato de tirar a própria vida pode elucidar sobre ele mesmo, pensando neste fenômeno como este mergulho na alma, para que a psicologia comece a dar a sua pequena contribuição a este universo ainda tão distante da sua atuação “padrão”.

O suicido entre diversas etnias indígenas de toda a América, incluindo também esquimós, tem índices alarmantes em relação à população geral. É importante ressaltar que apesar deste fato comum, foi escolhida uma única etnia para o trabalho, pois as diversidades culturais e sociais entre estes povos são muitas. Mesmo que eles possam estar passando por problemas semelhantes, como confinamento em pouca terra, pobreza, descaso das entidades de apoio e preconceito, são poucas as etnias que cometem suicídio de forma tão marcante. Neste dado já podemos perceber como a cultura e o contexto único de cada povo e aldeias são fatores que devem ser levados em consideração no estudo do suicídio em larga escala, e não concentrar esforços somente em situações de descaso social. Apesar de esta observação parecer desnecessária, é importante ressaltar para não correremos o risco de cair na generalização entre “os índios”.

Como já mencionado, dentre os trabalhos já publicados que tratam do referido tema, encontramos diversos fatores como "causa determinante" do suicídio entre os *kaiowá*, que serão levados em consideração. O foco deste trabalho, porém, não será na busca pelas possíveis "causas". A questão é extremamente complexa para determinar que algum fator seja mais importante que os outros, ou que somente um seja verdadeiro. As causas já apontadas serão expostas como forma de

contextualizar o problema e levantar o que já se pesquisou sobre o tema, mas com os olhos voltados para o que os próprios *guarani-kaiowá* consideram como causa.

O embasamento teórico utilizado neste trabalho será a Psicologia Analítica. É de conhecimento geral o interesse que Carl Gustav Jung tinha pelos povos indígenas, alguns dos quais esteve em contato pessoalmente e foram de grande valia para seus estudos. Através destes contatos, muito se elucidou sobre a psique humana. É interessante pensar como a psicologia, que teve grandes mestres como Jung, que foram buscar respostas para seus questionamentos em diversos meios, estudando e pesquisando as mais diversas áreas do conhecimento humano, possa ter se tornado mantenedora do *status quo*.

Retomando o embasamento teórico deste trabalho, a psicologia junguiana, além de contribuir com seus modelos de alma, psique, visão de mundo e ser humano, terá como maior relevância o pensamento teleológico. No sentido contrário de diversas linhas que buscam e param no “por que” e na causa dos fenômenos, retornando sempre para o passado, Jung vai em direção ao “para que” das ações, para onde aponta, no “futuro”.

Esta visão poderá trazer alguma contribuição diferenciada, pois os estudos encontrados se referem mais ao aspecto causal. Portanto, tentarei me debruçar mais ao possível aspecto teleológico do suicídio, **para que** ele pode estar apontando. O que se espera é que através do simbolismo encontrado nestes suicídios, encontremos algum vislumbre que possa servir um dia para uma compreensão mais ampla e completa do tema. Ao menos este trabalho será uma reflexão sobre um fenômeno “atípico” para a psicologia analítica.



Figura 1: Crianças *guarani-kaiowá* na aldeia de Sucury.
Ripper/Imagens da Terra, 1994.

Fonte: PIB (<http://img.socioambiental.org>)

2 PAĨ-TAVYTERÃ

Os *kaiowá* fazem parte da família linguística tupi-guarani. Há diversos subgrupos, alguns que inclusive foram dizimados após a chegada dos colonizadores, restando somente relatos antigos. Focando nos grupos guaranis, estes são divididos em *guarani-kaiowá*, *guarani-ñandeva* e *guarani-mbya*. Os tupi-guarani compartilham de um universo mitológico e religioso semelhantes, mas apesar destas características, estes povos possuem uma morfologia social altamente variável e flexível (LEVCOVITZ, 1998, p. 145).

2.1 NOMES

A origem de alguns nomes que os índios *kaiowá* recebem e se autodenominam nos conta um pouco sobre a história desta etnia. Quando chegaram os colonizadores e os jesuítas, os *kaiowá* foram se refugiando para florestas cada vez mais densas, em lugares de difícil acesso. Os brancos sabiam de sua existência pelas trilhas e fogueiras apagadas que deixavam vez em quando nos caminhos, mas os indígenas evitavam ao máximo o contato com o colonizador. Eram descritos como ariscos e de tradição guerreira. O local onde eles se estabeleceram corresponde a uma região montanhosa no atual estado do Mato Grosso do Sul, e por conta disto foram denominados índios monteses ou *kaiowá*. "O nome *Kaiowá* deve decorrer do termo *KA'A O GUA*, ou seja, os que pertencem à floresta alta, densa, o que é indicado pelo sufixo 'o' (grande), referindo-se aos atuais *Guarani-Kaiowá* ou *paĩ-tavyterã*." (ALMEIDA e MURA, 2003).

No Paraguai, estes índios são chamados de *paĩ-tavyterã*, que significa "habitante do povo [aldeia] da verdadeira terra futura" (*távy-yvy-ete-rã*) (ALMEIDA e MURA, 2003). Segundo os autores, este parece ser o nome que mais corresponde a quem realmente são, pois carregam crenças e elementos religiosos que guiam o modo de ser dos *kaiowá*.

Com estas análises, já é possível perceber dois aspectos importantes deste povo. Através de alguns de seus nomes, os *kaiowá* nos mostram como tentaram ao

máximo permanecer longe do homem branco, arredio, mantendo seus costumes e livres das missões jesuíticas e *encomiendas* dos colonizadores. *Paĩ-tavyterã* contempla sua cultura, sua mitologia, e para que caminho segue a vida deles, rumo à verdadeira terra futura.

2.2 MODO DE SER

Três aspectos da vida guarani expressam uma identidade que dá especificidade, forma e cria um "modo de ser guarani":

- a) o *ava ñe'ẽ* (*ava*: homem, pessoa guarani; *ñe'ẽ*: palavra que se confunde com "alma") ou fala, linguagem, que define identidade na comunicação verbal;
- b) o *tamõi* (avô) ou ancestrais míticos comuns e
- c) o *ava reko* (*teko*: "ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito") ou comportamento em sociedade, sustentado em arsenal mítico e ideológico. Estes aspectos informam ao *ava* (Homem Guarani) como entender as situações vividas e o mundo que o cerca, fornecendo pautas e referências para sua conduta social (Susnik, 1980:12 apud ALMEIDA e MURA, 2003).

Alguns detalhes são importantes para o presente estudo. A importância da palavra como constituição do *ava*, do ser humano guarani, é primordial. O mesmo termo contempla o significado de "palavra" e "alma". O papagaio é um animal sagrado, pois "fala" (MEIHY, 1994, p. 250). A língua nativa é de uso corrente e mantida "como forte componente de seu patrimônio cultural" (PEREIRA, 1995, p. 21). Além deste idioma, os *kaiowá* possuem todo um linguajar especial para falar com seus deuses, as Belas Palavras, que se recusam de forma veemente a pronunciar na presença de brancos. (CLASTRES, 1990, p. 10). Inimigos cantores não eram mortos. (LEVCOVITZ, 1998, p. 134). Estas e outras situações evidenciam como a palavra é fundante para compreendermos quem é o *guarani-kaiowá*.

Clastres (1990, p. 13) afirma que a mitologia guarani, quando comparada com outras etnias, parece de relativa pobreza. Poucos são os mitos contados, com variações conforme a etnia. Porém, a cosmologia, a religiosidade e um profundo pensamento reflexivo é marcante entre os guarani, substituindo desta forma o mitológico pelo metafísico.

"As verdades *kaiowá* são, antes de mais nada, religiosas e se remetem à palavra porque a palavra é vida" (MEIHY, 1994, p. 248). A palavra é tão viva que está entrelaçada com uma das almas guarani, sendo uma delas denominada alma-

palavra - *ñe'e*. Na literatura consultada não se encontra um consenso sobre o número de almas que um indivíduo possui, contudo duas almas estão sempre presentes: *Ñe'e* – a alma-palavra, e *Acyguá* – a alma-animal.

Para os *kaiowá* (LEVCOVITZ, 1998, p. 180; PEREIRA, 1995, p. 25), *ñe'e* se localiza no pescoço, e tem uma origem divina. Ela é a força vital, incorruptível e orienta o indivíduo no sentido vertical, isto é, de crescimento, “o que mantém ereto o fluxo do dizer”. Sua principal característica é conceder o dom da linguagem.

Acyguá, localizada na boca e maxilar, é responsável pelos traços de caráter e temperamento da pessoa. Baseado nos comportamentos desta, os índios definem se ela tem o *acyguá* de uma borboleta, calma; se for brincalhão, tem um *acyguá* de um macaco. Inimigos, temidos e perigosos, um *acyguá* de jaguar. Enquanto a *ñe'e* é divina, calma e boa, a *acyguá* é terrena, ligada à comida, violência e ao mal.

O *tamõi* (avô), que representa os ancestrais míticos, está ligado à religiosidade dos guarani. Eles são um povo profundamente constituído na religião, fundado aos seus costumes, aos ancestrais e ao *teko*, ou *teko porã*, considerada a boa maneira de ser do guarani (ALMEIDA apud LEVCOVITZ, 1998, p. 24). Pereira nomeia como *kiriri* um conceito semelhante ao *teko porã*. Diferenciações entre os dois não são muito claras, mas segundo a descrição da mencionada autora, *kiriri*, além de boa conduta, é a designação “do modo de ser calmo, moderado, paciente e, sobretudo, silencioso” do guarani (PEREIRA, 1995, p. 27). A atitude com o mundo se torna sociável e reflexiva. O *kiriri* representa então uma busca ao estado de perfeição, mais próximo dos deuses.

2.3 TEKOKHA

O *tekoha* é o local onde se realiza o modo de ser guarani – *teko* (ALMEIDA e MURA, 2003). Ele reúne uma série de condições físicas que, junto com as famílias formam uma “unidade político-religiosa-territorial”. A mata é o elemento central, junto de toda fauna, flora e o que ela pode fornecer, como remédios, madeira, caça, etc. No *tekoha* se encontra um local para rezas, roças, criação de animais e água de qualidade.

Apesar desta ligação com o seu meio, os *kaiowá* se mudavam com alguma frequência e não estavam preocupados com a delimitação de um território seu. Estas mudanças serviam a vários propósitos, inclusive como resolução de conflitos.

Com a política de aldeamento dos indígenas, que os tirou de suas moradas tradicionais e confinou-os em pequenas reservas, os *guarani-kaiowá* passaram a dar cada vez mais importância ao *tekoha*, o local onde ele poderia levar o modo de ser guarani, que se tornou uma categoria de extrema relevância na organização social deste povo atualmente.

O *tekoha* deve ser considerado em face da realidade contemporânea que conduziu os índios a valorizá-lo e concebê-lo da forma como o fazem, com a consciência de que a recuperação plena do território do passado é uma empreitada inatingível. Portanto, mais do que ver os aspectos político-religiosos como externos às condições históricas de sua articulação, nos parece oportuno ver o *tekoha* como resultado e não como determinante, como um processo continuado de ajustamento situacional em torno da determinação de uma relação territorial entre índios e brancos (ALMEIDA e MURA, 2003).

2.4 MIGRAÇÕES

Como foi visto no subtópico sobre o *tekoha*, não podemos afirmar que os *kaiowá* tinham uma cultura altamente vinculada a uma terra específica e limitada, pois eles apresentavam movimentos migratórios de tempos em tempos. Baseada em Levcovitz (1998) e Almeida e Moura (2003), podemos definir dois tipos de “migrações” diferentes, supondo que este seja o termo que mais se aproxime destes deslocamentos feitos pelos *kaiowá*.

Apesar de terem territórios mais ou menos definidos, os *kaiowá* não ficam sempre no mesmo local. Eles se mudavam entre as diversas aldeias, e este movimento está profundamente vinculado a um mecanismo de resolução de conflitos. Quando duas famílias se embatem, uma delas muitas vezes acaba por deixar a aldeia. No caso de homicídios e suicídios, também é comum que as moradias sejam queimadas e o local abandonado. Portanto não é possível dizer de forma alguma que os *guarani-kaiowá* são povos nômades, mas que deslocar-se é importante e inerente a sua cultura.

A outra forma migratória vem de encontro com o nome *paĩ-tavyterã*, de habitante da verdadeira terra futura. Levcovitz (1998, p. 158) relata que entre os tupis-guaranis, existiram diversos movimentos migratórios em massa, rumo à *Terra sem Mal*. Para os guaranis, esta estaria localizada na direção do sol nascente, sendo morada dos deuses e das almas que tiveram uma “boa morte”. Levcovitz chama a atenção para o fato de que este lugar era acessível aos vivos, que desta forma iam em uma empreitada migratória rumo a ela.

A ideia implícita no deslocamento migratório em direção ao Paraíso Terreal é o abandono da *terra do mal*. Se, por um lado, haveria um magnetismo que atraía em direção à *Terra sem Mal*, esta força de atração se aliava ao seu reverso, a repulsão à *terra do mal*, para produzir o movimento migratório. Entre estes dois pólos, um de repulsão, outro de atração, movimentavam-se estes povos (LEVCOVITZ, 1998, p. 158).

Estas migrações normalmente eram guiadas pelos *caraís*, profetas que acreditava ser nascidos somente de mãe, o que na cultura guarani significava que eles não pertenciam a nenhuma linhagem. Os *caraís* andavam de tribo em tribo, entre inimigos, não sendo vinculados a nenhuma delas, nem compartilhando trabalhos e comida. Eles faziam grandes rituais, e incitavam o povo a seguir rumo à *Terra sem Mal* (LEVCOVITZ, 1998, p. 169). Algumas destas migrações acabavam na morte de todos os membros, por cruzar territórios inimigos e obstáculos intransponíveis. Outros, ao chegar no litoral, estabeleceram-se. Observando este fenômeno, pode-se pensar nesta forma de migração como sendo um movimento impregnado de profunda religiosidade e ascetismo.

2.5 TERRA

Existem em torno de 22 áreas demarcadas onde vivem *guarani-kaiowá* no estado do Mato Grosso do Sul (LEVCOVITZ, 1998, p. 50). Neste estado é que se encontra a maioria da população *kaiowá* no Brasil e que concentra praticamente a totalidade dos suicídios segundo relatório do Centro Indigenista Missionário (CIMI, 2009).

Entre as aldeias e reservas indígenas, dependendo da localização e ano em que foi demarcada, encontram-se diferentes situações. As reservas demarcadas por volta de 1928 são as que sofrem hoje com as condições mais precárias devido ao confinamento em um pequeno território, já que a demarcação da reserva não acompanhou o aumento populacional dos indígenas, não respeitou territórios tradicionais e ainda concentrou em um mesmo espaço tribos tradicionalmente inimigas. Todos foram "despejados" de suas terras para viverem em um espaço delimitado. Este caso em especial contempla a reserva de Dourados.

Nesta época, o pensamento era formar aldeias perto de centros urbanos visando a "integração" e "civilização" dos índios, misturando tribos mais e menos "adaptáveis" à cultura do homem branco. No caso de Dourados a tribo terena foi colocada com outras mais "rebeldes", como a *kaiowá*, para estas serem "amansadas". A visão era a de que os índios teriam seu espaço, delimitado, ao mesmo tempo em que a concentração das tribos liberava mais terra para a agricultura em franca expansão (LEVCOVITZ, 1998, p. 44).

Com a expansão da fronteira agrícola, que anteriormente englobava mais sul e sudeste do Brasil, a grilagem de terra para a agricultura no estado do Mato Grosso do Sul confinou ainda mais os indígenas. Muitos foram e continuam sendo expulsos de suas terras.

2.6 CONTEXTO

As reservas contam com postos da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, que contam com enfermarias, salas de aula, mudando a estrutura conforme a reserva. A verba é muitas vezes investida conforme o técnico indigenista acha mais adequado, o que nem sempre vai de encontro a demanda da população. Thomas de Almeida afirma que estes agentes não conseguem se despojar de preconceitos para lidar com os indígenas, e acabam se tornando "cuidadores de patrimônio" (apud LEVCOVITZ, 1998, p. 51)

O alcoolismo, prostituição e violência são os problemas mais relatados nas reservas e aldeias indígenas. Com a falta de terras, discriminados para diversos trabalhos, escola, etc., a pobreza é uma constante, chegando ao nível de

mendicância. Muitos homens vão trabalhar nas fazendas ao redor, enquanto as mulheres permanecem na tribo, aumentando a troca de parceiros (PEREIRA, 1995, p 36).

A presença de igrejas em várias reservas é grande. As de cunho mais “fundamentalista” condenam as práticas tradicionais dos *kaiowá*, impedindo que os frequentadores destas igrejas mantenham costumes de sua etnia. É a perpetuação, ainda hoje, do que foi iniciado com as missões jesuítas a quinhentos anos atrás, agora com roupagem nova de outras igrejas, especialmente as petencostais.

Contudo, Levcovitz traz a informação de que muitos índios, apesar de frequentarem estes cultos, também participam dos rituais tradicionais. Aos convertidos é dada diversas vantagens, como animais, sementes e roupas. Porém, mesmo os “mais convertidos”, que se vestem nas normas da igreja, carregam a Bíblia embaixo do braço e fazem pregações, de repente, abandonam tudo e voltam aos costumes de origem. Esta característica foi detalhadamente estudada por Viveiros de Castro (apud LEVCOVITZ, 1998, p. 28), que utilizou a metáfora da estátua de murta, em contraponto com a estátua de mármore, para discorrer “sobre a inconstância da alma selvagem”, fenômeno que se adequa muito bem à alma guarani.



Figura 2: Guarani-kaiowá com um *macará* (cabaça utilizada nas rezas).
Egon Shaden, 1949.

Fonte: PIB (<http://img.socioambiental.org>)

3 SUICÍDIO

A verdade permanece incerta, uma vez que a morte, a única certeza, não revela sua verdade. (Hillman, 2009, p. 18)

3.1 ESTATÍSTICA

“Em todas as comunidades étnicas, os povos nativos indígenas possuem as piores estatísticas [de suicídio]” (GROSSMAN, MILLIGAN e DEYO apud OLIVEIRA e LOTUFO NETO 2003, p. 7). Neste trabalho, os autores traçam um panorama dos casos em todo o mundo, baseados em dados da Organização Mundial de Saúde – OMS. Infelizmente, como é ressaltado nesta pesquisa, os dados estatísticos sobre suicídio são bastante falhos, indicando normalmente um número menor de casos. Porém, o que já se tem sobre o suicídio entre povos indígenas é alarmante.

O órgão que mais de perto tem acompanhado estas estatísticas no Brasil e que fornecem as fontes mais seguras é o Conselho Indigenista Missionário – CIMI, da Igreja Católica. Apesar de ser vinculado a uma religião, a atuação do CIMI é mais ligada a conquistas dos direitos indígenas, especialmente os referentes a questão de terras. Anualmente o CIMI emite o relatório “Violência contra os povos indígenas no Brasil”, no qual relata e contabiliza os casos, fazendo um registro e chamando atenção para os acontecidos. As mortes por suicídio entram na categoria “violência por omissão do poder público”.

De acordo com o último relatório (CIMI, 2009, p. 95) ocorreram no Brasil 19 suicídios, sendo 18 cometidos pela etnia *guarani-kaiowá*, todos no estado do Mato Grosso do Sul. Apesar de atingir diversas faixas etárias, a maioria ocorreu entre jovens com menos de 35 anos.

Dos 19 suicídios registrados, 6 foram cometidos por mulheres e 13 por homens. Duas pessoas ingeriram veneno, uma pessoa estrangulou-se e as demais, 16, enforcaram-se. Destas, 12 utilizaram corda, uma utilizou alça de sacola, outra cinto, e outra usou um cachecol. Em dois casos a presença do uso do álcool foi registrada e em dois casos a polícia trabalhou com suspeita de assassinato.

Tabela 1: Estatísticas de suicídio

Suicídio registrados entre os <i>Guarani Kaiowá</i>						
2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
22	16	28	19	23	34	18

Fonte: Relatório anual do CIMI – Violência contra os povos indígenas no Brasil, 2009, p. 95.

Olhando o quadro acima, o ano de 2009 não parece ter dados tão alarmantes, inclusive por apresentar uma diminuição dos suicídios em relação a 2008. Porém, levando-se em consideração que a população estimada dos *guarani-kaiowá* seja de 40 mil indivíduos, o índice de casos é de 44 para cada 100 mil pessoas, enquanto o nacional é de 4,5 casos para 100 mil pessoas. Estabelecendo estas comparações, os números que a princípio não assustam adquirem proporções graves e viram questão de saúde pública.

Porém, pelo ponto de vista da psicologia profunda, dados estatísticos não são de grande ajuda àqueles que tem a morte rondando ao seu encalço. A não ser com o intuito de mostrar a gravidade e a particularidade desta etnia específica, eles não tem outra serventia, pois “o suicídio é uma das possibilidades humanas. A morte pode ser escolhida. O significado dessa escolha é diferente, de acordo com as circunstâncias e com o indivíduo. Exatamente aqui, onde terminam os relatórios e as classificações, começa o problema analítico” (HILLMAN, 2009, p. 51).

3.2 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA

Apesar dos vários livros e artigos sobre o tema, cada um levantando aspectos diferentes que levam os *kaiowá* ao suicídio, dois deles foram os que mais contribuem para a proposta deste trabalho. Portanto, essa breve revisão bibliográfica será focada somente nas pesquisas que serão utilizadas para a análise da psicologia profunda que será feita em seguida. As pesquisas são justamente as cujos autores são uma psicóloga e um psiquiatra psicanalista, que trazem de forma inédita o ponto de vista da psicologia sobre o fenômeno, traçando considerações de grande relevância e levando em conta as especificidades dos suicídios entre povos indígenas.

O primeiro foi o livro da psicóloga Maria Aparecida da Costa Pereira. Intitulado “Uma rebelião cultural silenciosa” (1995), a autora levanta a hipótese de o suicídio ser fenômeno representativo de uma rebelião, “lutando pela vida e para a vida do *tekoha*, vida guarani” (1995, p. 51). A grande contribuição deste trabalho a meu ver é ter dado voz aos indígenas que, entre outras coisas que foram ditas, elencaram as causas a que eles atribuíam ao suicídio. Apesar de não estar tão presente no livro, a autora realizou um trabalho de campo que durou diversos anos e suas afirmações tem base no cotidiano que viveu e presenciou, assim como o que escutou dos *kaiowá*.

A autora (1995, p. 50) defende que os *kaiowá* se encontram em situação limite, nos mais diversos aspectos, como social, econômico, político, ambiental, ético e religioso. A crise se alia as vivências de frustrações prolongadas, e este conjunto acaba por “provocar o desrecalcamento da agressividade antes canalizada para a sublimação que, sem o suporte psicológico adequado, é deslocada para atitudes destrutivas”.

Como os indígenas prezam o modo de ser *kiriri*, calmo e moderado, esta agressividade, ao invés de se manifestar no exterior e dirigida para o outro, é convertida em uma auto-agressão, podendo culminar em um suicídio. Portanto, ele não representa uma renúncia a vida, mas sim uma luta silenciosa, sendo o suicídio uma possível “atitude de exacerbada resistência” (PEREIRA, 1995, p. 51).

O outro trabalho é do psiquiatra psicanalista Sérgio Levcovitz, nomeado “*Kandire – O Paraíso Terreal*” (1998). Ele é inédito no sentido de buscar uma compreensão do suicídio entre os *guarani-kaiowá* dentro de sua própria mitologia. Além de complexo e estar em consonância com os valores indígenas, a tese promove a quebra de várias pré-concepções sobre como o suicídio *kaiowá* é atualmente estudado.

A compreensão é feita baseada no fato de que os *kaiowá* e as outras ramificações da família linguística tupi-guarani, além de compartilhar a mesma raiz na língua, partilhavam de um universo cosmológico e mitológico semelhante, incluindo histórias de criação do mundo, a *terra sem mal*, entre outros, conforme descrito no capítulo *paĩ-tavyterã*. Levcovitz, em sua pesquisa, aproxima e associa fenômenos descritos entre os extintos tupinambás e os *araweté* para traçar suas considerações sobre o suicídio indígena *kaiowá*, sempre utilizando o universo mítico destes povos.

Ele questiona baseado em pesquisas realizadas a concepção de que o fenômeno entre os *kaiowá* se enquadraria no suicídio anômico, assim denominado por Durkheim. Segundo esta interpretação, o suicídio entre os *kaiowá* seria consequência de mudanças súbitas na sociedade, gerando desencontro entre aquilo que se quer e o que agora é possível conseguir, nos mais diversos aspectos. Seria um processo de aculturação (LEVCOVITZ, 1998, p. 83). Porém, este contexto é comum nas mais diversas tribos, não só no Brasil como em outros países, e o suicídio é um fenômeno que não encontra padrão de homogeneidade entre os indígenas.

Na reserva de Dourados encontra-se o caso mais evidente de como a anomia não é suficiente para explicar a auto-agressão. Nesta reserva, que concentra os maiores índices de suicídio, convivem três diferentes etnias: os *guarani-kaiowá*, os *guarani-ñandeva* e os *terenas*. Porém, a única etnia onde suicídio é expressivo é entre os *kaiowá*, somente atingindo os *ñandeva* mais recentemente, inclusive atribuindo a responsabilidade destes suicídios aos *kaiowá*.

Dentro deste contexto de aculturação, o contato com o homem branco também é apontado como desencadeador do suicídio. Mais uma vez, Levcovitz levanta que determinadas tribos tem taxas de suicídio menores a partir do momento em que entram em contato com o “branco”, descartando esta afirmação “fatalista”.

Outra afirmação de Durkheim também não se comprova no caso da auto-agressão *kaiowá*: a de que o suicídio é um fenômeno mais comuns entre os mais velhos. Entre este povo, o suicídio é juvenil, quase nunca atingindo os idosos, o que na verdade é uma característica comum que o fenômeno tem adquirido hoje em dia no mundo todo, especialmente os que Durkheim denomina como altruísta (LEVCOVITZ, 1998, p. 84).

Suicídio egoísta: resultado de uma individuação excessiva, com ênfase na autonomia das consciências individuais e na ausência de laços familiares ou de interações sociais significativas;

Suicídio anômico: associado ao desregramento, crises e mudanças a partir do enfraquecimento da malha social;

Suicídio altruísta: devido à subordinação dos indivíduos aos fins sociais; um ato percebido como um dever, um gesto impessoal. (DURKHEIM apud OLIVEIRA e LOTUFO NETO, 2003, p. 5)

Diversos são os argumentos que Levcovitz (1998, p. 97) analisa: presença de seitas religiosas, a bebida alcoólica, pobreza e confinamento devido a falta de terra.

Todos estes argumentos mencionados com certeza favorecem a auto-agressão. Inclusive os dados mais sólidos encontrado por ele revisando as pesquisas feitas sobre suicídio, foi a associação deste com o alcoolismo e com questões religiosas. Porém, nenhum deles por si parece ser determinante para o fenômeno, que é de uma escala muito mais desproporcional do que estas causas poderiam impactar no índice de suicídios. Neste momento nos chama a atenção como nenhum destes motivos é algo que os *kaiowá* atribuem como causa maior dos suicídios.

Levcovitz faz um profundo levantamento do que denomina “complexo guerreiro antropofágico” na cultura tupi-guarani e como a noção de pessoa neste povo está fundada no relacionamento com o outro, “o contrário”, no sentido de inimigo.

Entre os tupi-guaranis, a noção de identidade apresenta-se como que “desconstruída”. Viveiros de Castro denomina esta antidualética, que produz um desenho da pessoa essencialmente não-idêntica a si mesma, como uma ‘identidade ao contrário’ [inimigo]. (...) os tupi-guaranis se definem em um vir-a-ser, em tornar-se outro (LEVCOVITZ, 1998, p. 125).

Já foi dito como os povos *kaiowá* eram arredios e ariscos, que não permitiam aproximação. Apesar de buscarem um modo de ser (*kiriri*) calmo, são guerreiros e a sua relação com o inimigo é quem constitui quem o guarani é como pessoa. Entre os índios tupinambás, um jovem só era considerado adulto, podendo tomar um novo nome e ter uma mulher, a partir do momento que matasse um inimigo.

Morrer pelo inimigo era considerada a “boa morte” entre os tupinambás. Como não eram todos que podiam ter essa morte, estes eram “vingados”, e libertados do “peso da terra”, com a morte do inimigo. O ritual de antropofagia realizado pelos tupinambás era central na sociedade e trazia uma solução para os que não tiveram a “boa morte”.

Relatando de forma breve e sem maiores aprofundamentos, o rito se dava da seguinte forma: o inimigo normalmente era capturado para “vingar” alguém. O indivíduo que não tem uma “boa morte”, fica com a alma vagando na terra, e ela passa a ser inimiga. O cativo era trazido para a aldeia, onde podia passar um bom tempo vivendo antes de ser morto, recebendo uma mulher, inclusive gerando filhos, de certa forma se tornando “aparentado” da tribo, simbolizando aquele a ser vingado. Quando chegava a hora do inimigo ser morto, era realizado um grande ritual, onde uma fuga do cativo era encenada, e então ele era “recapturado” e

abatido. Em seguida, o cativo morto era devorado pela tribo, ficando agora livre de seu corpo, possibilitando que as almas dele e do que foi vingado seguissem diretamente rumo à *terra sem mal*.

“Tudo gira em torno do inimigo: os deuses são inimigos, os mortos são inimigos e o destino da pessoa é tornar-se este outro. (...) É relação com este outro que confere consistência ao lado social, sendo o conflito e o mal situados necessariamente do lado de fora.” (LEVCOVITZ, 1998, p. 131).

Portanto, o mal situado no inimigo mantinha a paz interna e integridade do grupo, e esta relação com ele permitia o acesso à “boa morte” a todos, que um dia seriam vingados e deixariam de sofrer com o “peso da terra”. Essa situação de estar sempre “em guerra”, lutando contra o inimigo, parece gerar uma instabilidade e um desequilíbrio constante deste povo. Porém, o aparente desequilíbrio era justamente o que equilibrava a sociedade.

Baseado no complexo guerreiro antropofágico dos tupi-guarani, Levcovitz afirma que os guarani nos dias de hoje, confinados em suas terras e não podendo ir em direção a *terra sem males*, sem guerra contra seus inimigos, que não mais existem daquela forma, e sem seus ritos antropofágicos, encontram no suicídio a resolução para seu conflito, como se houvesse “uma rápida substituição do cenário de um palco, sem que os atores pudessem executar novos papéis” (LEVCOVITZ, 1998, p. 231).

Ao tentarem fazer migrações primorosamente ensaiadas, esbarram com estranhos e imprevistos obstáculos. Ao executar uma guerra, uma morte que estava escrita, não se encontra ali o parceiro-adversário. O inimigo capturado, chorando a própria morte, não é o arrogante homem, quase um deus, “que mais parecia estar ali para matar os outros que para ser morto. Imerso nesta trama inaparente, entre parceiros-inimigos, o ator contracena a pantomima: **como matador, ele é pessoa; como vítima, ele é Deus. O guarani não terá que suportar o peso da terra**” (LEVCOVITZ, 1998, p. 231).

3.3 PSICOLOGIA ANALÍTICA

A palavra é tudo (MELIÀ, 1986, apud MEIHY, p. 250)

Os pesquisadores estudados (Pereira, Levcovitz, entre outros) generalizam as sociedades tupi-guaranis e as tem como base para seus estudos sobre os *guarani-kaiowá*. As contribuições trazidas foram de grande esclarecimento, e serão usadas várias informações levantadas por eles acerca do aspecto mítico e cultural tupi-guarani para introduzir o ponto de vista da psicologia analítica. A abordagem feita pelos autores, porém, pode ser perigosa, pois ao fazer a análise é comum apegar-se a interpretações baseadas na mitologia e sociedades tupi-guaranis e desconsiderar o pouco que os *kaiowá* disseram a respeito do suicídio.

O que os *kaiowá* tem a dizer é o aspecto mais importante a analisar, pois é o mais próximo que chegaremos da morte e do que ela diz. Outras sociedades tupi-guaranis não compartilham dos mesmos índices de suicídio dos *kaiowá*, evidenciando que há algo diferente. “A legitimidade do comportamento suicida está condicionada à ideologia da morte de cada cultura, o que torna compreensível, conseqüentemente, a diversidade de reações das várias sociedades diante do suicídio” (PEREIRA, 1995, p. 41). Desta forma, a especificidade dos *kaiowá* tem que ser ouvida. Só nos resta observar o suicídio em si, na esperança de que se desvele algo sobre o fenômeno.

Segundo os dados do CIMI e os trabalhos estudados na revisão bibliográfica, podemos encontrar um padrão. Os *kaiowá* se suicidam majoritariamente das seguintes maneiras: enforcamento e envenenamento. O enforcamento é a principal escolha dos índios, enquanto os envenenamento são mais raros, normalmente utilizando-se agrotóxicos.

Hillman (2009, p. 55) afirma que tentativas sempre foram feitas para “localizar” a alma em órgãos e regiões específicas do corpo, e no caso dos *kaiowá* ela encontrou seu lugar. As almas *kaiowá*, tanto a alma-palavra quanto a alma-animal, situam-se na região entre boca e pescoço.

Quando se ingere um veneno, este entra pela boca, percorrendo garganta, pescoço, se espalhando pelo corpo. No enforcamento, o local que será afetado é o pescoço. As formas de auto-agressão utilizadas pelos *kaiowá* atingem diretamente

as regiões do pescoço e boca, localidades de grande simbologia pra os índios, pois é nesta região onde eles tradicionalmente consideram como sendo a morada de suas almas.

“Alma não é realmente um conceito mas um símbolo”. (HILLMAN, 2009, p. 57), e podemos dizer que isto parece ir de encontro com a visão *kaiowá*, que tem suas almas como símbolos do seu ser e vital importância, representando os diversos aspectos que constituem um ser humano.

A maioria das línguas “primitivas” têm conceitos elaborados sobre princípios vitais que foram traduzidos pelos etnólogos como a palavra “alma”. Para esses povos, (...) “alma” é uma ideia altamente diferenciada, referente a uma realidade de grande impacto. (HILLMAN, 2009, p. 55)

Outros autores também observaram o fato do suicídio incidir sua agressão no local onde estão as almas. A psicóloga Maria Pereira (2009, p. 51) fez uma relação entre os enforcamentos e um “sacrifício da alma divina”. José Meihy (1994, p. 250), por outro lado, expôs esta relação como sendo um grito silencioso. Levando em consideração a religiosidade envolta no povo guarani parece inegável uma associação desta morte como um ato simbólico. As almas, símbolos em si mesmas, estão sendo diretamente agredidas nos suicídios.

“Para compreender um suicídio precisamos saber que fantasia mítica está sendo encenada” (HILLMAN, 2009, p. 62), e baseada neste pressuposto e na alma como símbolo, começaremos a aproximar a visão da psicologia analítica frente ao suicídio. Como símbolo e como uma fantasia mítica, o suicídio fala na linguagem da alma sobre si próprio. Ele em si traz mensagens e significados. A principal indagação portanto, é sobre um possível sentido teleológico que o suicídio possa ter para os *kaiowá*, o que ele pode estar querendo dizer. Afinal, “a palavra é vida”, e esta ação parece querer dizer muitas coisas.

Maria Pereira (1995, p. 46) elenca em seu trabalho os motivos que os próprios índios atribuem ao suicídio. No topo da lista, o fator mais citado foi **feitico**, com a observação da autora de que esta é apontada como “causa das causas” - a força mágica. Esta informação é de importância central, pois “os guarani (...) desde o século XVIII, são descritos como sociedade terminal” (ALMEIDA, apud LEVCOVITZ, p. 16), dita por vários autores como uma etnia em um caminho sem volta rumo à aculturação. Porém, em pleno século XX encontramos como maior motivo para os

suicídios algo inteiramente dentro de sua cultura – os feitiços. A força dos feitiços residiria na própria intencionalidade daquele que o “lançou” (PEREIRA, 1995, p. 19), concepção diferente da sociedade ocidental.

Em contato com a obra de Levcovitz (1998, p. 50), este argumento toma novas proporções, pois ele chama atenção para o que implica considerar o suicídio como causado por forças mágicas: “a morte provocada por feitiço, seja ela qual for, é sempre entendida como **homicídio**”. Esta constatação talvez elucide porque segundo o relatório do CIMI (2009) sobre violência indígena e outras referências bibliografias afirmam que alguns suicídios são registrados pelas famílias como homicídios, e também que os entes que ficaram não costumam saber uma possível “causa” para o suicídio de seu parente. Afinal, se ele estava enfeitiçado, este já é o motivo.

Os indivíduos enfeitiçados se suicidam, mas não de qualquer forma. Eles poderiam sofrer alguma doença, um acidente, ser assassinados; porém, eles se suicidam. Este suicídio também não é realizado de qualquer forma. Os *kaiowá* se enforcam ou se envenenam, atingindo suas almas. Quando os *kaiowá* se suicidam por estas vias, as almas ficam incapacitadas de sair pela boca, o que seria o normal. Elas acabam saindo pelo orifício anal, e vagando por um bom tempo antes de ir de encontro aos seres divinos.

Os *kaiowá* tem muito medo destas almas, chamadas *anguery*. A partir do momento que morrem por suicídio, as almas deles, mesmo sendo parentes e irmãos da tribo, são consideradas inimigas pelos que ficaram. Segundo a interpretação dos *pa’i* e pajés, representantes religiosos, estas almas podem “contaminar” os mais fracos, como crianças ou pessoas afastadas da religiosidade e dos costumes (*teko porã*). Contudo, o “alvo” preferencial delas são os parentes, que “contagiados” podem ser levados também ao suicídio (LEVCOVITZ, 1998, p. 23). O jesuíta “Luís da Grã (...) escreveu que a simples menção à palavra morte lhes era odiosa, posto que acreditavam que fosse transmissível” (GRÃ, 1554 apud MEIHY, 1994, p. 247).

Como explicitado por Levcovitz, o inimigo tem um papel constitutivo na cultura tupi-guarani. A pessoa guarani se cria através do embate com o inimigo. No passado, a palavra “contrário” era utilizada para denominar o inimigo. Neste sentido, o termo contrário se assemelha ao conceito junguiano de sombra. O “contrário” da pessoa, o inimigo, que aparentemente é mau mas que sem o qual o guarani não consegue se constituir enquanto pessoa. Pode-se pensar, desta forma, que o

inimigo do guarani representa a sua sombra projetada no meio externo, como um artifício da alma para perceber este conteúdo e integrá-lo, seguindo no caminho de sua totalidade.

No lado obscuro da psique, não iluminado pela “luz” da consciência, encontra-se conteúdos esquecidos, subliminares e reprimidos. Estes últimos são qualidades desagradáveis, as partes negadas e opostas à consciência e aquilo que a pessoa acredita que é. “A coisa que uma pessoa não tem o desejo de ser” (JUNG, apud SAMUELS, SHORTER & PLAUT, 2007). A sombra é um arquétipo que se relaciona com o inconsciente pessoal, e como tal seus conteúdos tem grande poder e influência sobre a psique. Quanto mais é negada à sombra um papel na vida consciente do indivíduo, mais densa e poderosa ela se torna, dificultando a sua integração na consciência.

Considerando o modo de ser guarani, o *kiriri*, a busca do *guarani-kaiowá* pela perfeição, por tornar-se um homem-deus (PEREIRA, 1995, p.28), é natural situar o mal do lado de fora, no inimigo. Assim, além de manter uma unidade social da tribo, eleva a pessoa mais próxima do estado divino, já que esta não possui nenhum mal. Porém este “contrário” não desaparece; ele continua na sombra, e quanto mais negado, mais de forma autônoma o “mal” passa a agir.

A relação com inimigo, porém, traz este mal para perto, o torna “aparentado” e encontra uma forma de se lidar com ele. O ritual antropofágico dos tupinambás representa de forma bastante ilustrativa como os tupi-guarani o utilizavam para lidar com o seu “contrário”. Aquele mal solto e temido, quando capturado, inicia uma convivência pacífica com a tribo. Considerando a relação da pessoa com sua sombra, quando algo está longe da luz do “eu”, da consciência, este conteúdo costuma ser encarado de maneira hostil, como sendo invariavelmente mau e agressivo. O misoneísmo, o medo do desconhecido, impera; porém não se sabe o que há na escuridão.

Quando um guerreiro captura este inimigo, o mal passa agora a viver na aldeia. Ele não é morto de pronto; instala-se uma convivência. Ao “contrário” é dado uma mulher, tornando-se “aparentado”. Percebe-se que ele tem algo que a própria tribo também tem, que são semelhantes. O que era distante não fica tanto a ponto de gerar uma tensão insuportável, aproximando estes opostos e fazendo-os se relacionar.

Esta aproximação pode ser encarada como uma projeção lançada pelos índios no desconhecido, pois “é assim que as coisas são com os primitivos: seu funcionamento psicológico é exteriorizado, é idêntico às coisas e as coisas são sua mente... seus pensamentos se estendem como uma rede sobre o chão em que pisam” (JUNG apud GAMBINI, 1988, p. 54).

Considerando este ato como uma projeção da psique destes índios no exterior, no contato com este inimigo é possível estabelecer uma convivência com o mal, a sombra, antes negada. Este fenômeno simbólico provoca resoluções de conflitos internos e talvez também externos, já que para os indígenas a vivência e o universo são simbólicos e ritualísticos, como afirmou Jung, não parecendo haver uma diferença entre o ambiente interno e externo. O índio é seu *tekoha* e sem ele não há guarani.

O inimigo-mal, aquele que possui *acyguá* de jaguar, feroz e temido, é capturado. O “mal”, ou melhor, o sombrio, sai das trevas pela primeira vez. Quando chega o momento do recolhimento da projeção, o sombrio é incorporado, através do ritual antropofágico. O conteúdo inconsciente agora é parceiro, sendo integrado e fazendo parte da consciência.

Porém, não há mais inimigo-parceiro. Eles se foram, e o índio não mais pode usar este ciclo para integrar seus conteúdos sombrios. Apesar de os fazendeiros poderem ser considerados os atuais “inimigos” dos índios, estes não seriam parceiros; não fazem o vínculo necessário para compor o triângulo entre indivíduo-parceiro-inimigo. Os brancos não fazem parceria, não ficam aparentados. Não há atualmente uma possibilidade de aproximação para que eles possam ser parte deste ciclo constituidor do *guarani-kaiowá*. Levcovitz trabalha com uma hipótese semelhante para o suicídio: incapaz de encontrar a “boa morte” pelos rituais antropofágicos, o suicida vira seu próprio matador e vítima, como tentativa de restabelecer este ciclo.

Os que se suicidam liberam suas almas para ir de encontro aos deuses. Aos que ficam, os inimigos passam a ser estes *anguery*, contra quem devem se defender e que não devem ser contaminados. Sem a integração, o lado sombrio passa a atormentá-los e pode contaminá-los, podendo resultar em suicídio.

Ao mesmo tempo, estes *anguery* podem ser vistos como inimigos-parceiros. São da mesma tribo; os *anguery* vem “atormentar” especialmente os aparentados. Podemos pensar talvez que estas almas hoje façam um papel simbólico, na tentativa

de restaurar o ciclo de equilíbrio na psique dos que ficaram, já que agora eles não podem mais agir da maneira como agiam a poucas décadas atrás. Porém, não parece que o equilíbrio tenha sido encontrado. O suicídio está em índices muito mais altos do que os próprios indígenas considerariam dentro da normalidade (PEREIRA, 1995, p. 45). O contágio é real.

Outra tradição guarani pode ser vista pelos olhos da psicologia como uma forma utilizada pelos indígenas para integração de conteúdos inconscientes - a migração rumo a *terra sem mal*. Para os *kaiowá*, este destino se localiza no sol nascente, além dos mares. Guiados pelos *caraí*, ao mesmo tempo em que vão em uma migração ascética, rumo a libertação do corpo e do mal, impedimentos antes exigidos passam a não existir mais. Ao mesmo tempo em que vão nesta jornada ascética, vivenciam o que antes era tabu, o que era inadmissível e “mal visto”, como o incesto e casamentos antes interditados. A atitude guerreira era apaziguada. Novamente, através de ações simbólicas o indígena restaurava o equilíbrio psíquico, aproximando as demandas corporais e instintivas na vivência, ao mesmo tempo que participa de uma migração ascética visando transcender o mundo dos humanos e tornar-se um homem-deus.

Novamente este caminho encontra-se interdito para os *kaiowá*. Confinados em aldeias e reservas, os indígenas não podem mais migrar nem como forma de resolver conflitos de menor ordem, muito menos sair em marchas em direção ao sol nascente rumo a *terra sem mal*. Nimuendajú relata o encontro que ele teve em 1912 com indígenas próximo a São Paulo, que saíram em marcha desde o Paraguai. Queriam atravessar São Paulo para chegar na terra além dos mares. Quando da época do encontro, o que era um grupo numeroso só se encontravam em seis indivíduos (NIMUENDAJÚ apud LEVCOVITZ, 1998, p. 164). Se em 1912 já não era possível chegar ao litoral sem enormes perdas, hoje isto seria praticamente impossível. Mais um caminho está fechado.

Quando um conteúdo psíquico encontra-se distante da “luz” da consciência, ele acaba polarizando energia psíquica. Quanto mais ele é negado, mais energia ele agrega e passa a agir de forma cada vez mais autônoma em nossa alma. Portanto, quando o conteúdo se aproxima da consciência, devido à polarização ocorrida, que gerou uma enorme tensão, ele vem de forma muito forte e comumente destrutiva para o “eu”.

A mensagem mais clara que suicídio entre os *kaiowá* nos passa então, é de que suas almas estão sendo agredidas. Agredidas por eles próprios, e ao mesmo tempo por algo externo que os enfeitiça e os leva a cometer suicídio. Hillman (2009, p. 63) trabalha com a hipótese de que “(...) pelo fato de a morte normalmente pegar [o indivíduo] de surpresa, ela parece vir de fora. Porque estamos tão pouco ligados a morte que carregamos em nós, ela parece atingir-nos exogenamente como uma força exterior”.

O temor dos indígenas sobre a morte, acreditando na possibilidade de transmissão, o medo dos mortos, parece que alguma morte está sendo constelada para eles; e os *kaiowá* estão literalizando este encontro, forma como sempre agiram, pois transformar o meio era transformar a si mesmo. Ainda não parece ter sido encontrada outra maneira de lidar com estes conteúdos sombrios que querem ser considerados e integrados à alma. Os índios “morrem de imaginação” (GRÃ, 1554 apud MEIHY, 1994, p. 247).

É possível lidar com a sombra e com as demandas da alma de diversas formas. Corporificar, transformá-las em ações diretas, é somente uma delas. Talvez por tradição, talvez por ser a demanda atual, ou por uma negação muito grande, os indígenas não estão conseguindo deixar de literalizar as exigências da alma. A mudança poderia ocorrer nas atitudes, emoções, mas a escolha é o suicídio. O contágio realmente acontece, levando mais e mais pessoas a se suicidarem. Apesar de tentar restaurar o equilíbrio, esta necessidade de concretizar no externo seja uma atitude extremada para a psique. Portanto antes da alma se reencontrar com os deuses ela ainda terá que vagar.

Ao mesmo tempo em que a alma terá que passar por caminhos com alguns obstáculos, seu lugar junto aos deuses continua lá. A morte é uma passagem. A *terra sem mal* será encontrada no seu devido tempo. O destino das almas é incorruptível. “Segundo a concepção guarani de morte, encarada como parte integrante da vida, as almas (*ñe’e* e *ã*) têm lugar garantido junto aos entes divinos” (ALMEIDA apud LEVCOVITZ, p. 22). Portanto, ao mesmo tempo que quem se auto-agride será um inimigo, que causará transtornos entre os seus que ficaram, podendo contaminar outros, em algum momento suas almas chegarão à *terra sem mal*.

Por fim, o suicídio remete a própria denominação que os *kaiowá* se dão, *paĩ-tavyterã*. Para ir de encontro a sua verdadeira terra futura rumo ao sol nascente e

continuar a sua individuação e unir-se com os deuses, os habitantes tentam encontrar novos caminhos.



Figura 3: Kaiowa entre instrumentos tradicionais guarani e uma cruz do cristianismo.
Egon Shaden, 1949.

Fonte: PIB (<http://img.socioambiental.org>)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“(...) O confronto com a realidade significa encarar a mortalidade.” (HILLMAN, 2009, p. 23)

O suicídio entre os *kaiowá* parece apontar para a necessidade de novos inimigos-parceiros, de forma a conseguir integrar conteúdos psíquicos que se encontram sombrios. Talvez seja necessário estabelecer novas formas de conceber o “contrário”, como algo mais amplo, pelo qual seja possível lutar, guerrear e posteriormente conseguir uma aproximação e um vínculo. Mas uma escolha relevante sobre o que poderia ser o novo “contrário” somente poderá ser feita pelos próprios *kaiowá*.

O que se pode cogitar é eles precisam encontrar novas formas de atender as demandas de suas almas. Elas clamam pela necessidade destes inimigos-parceiros para voltar ao seu ciclo de integração e aproximação de conteúdos inconscientes, de forma a caminhar rumo à individuação.

Tentativas estão sendo feitas pelos indígenas; o suicídio pode ser considerado uma delas. A alma é quem é atingida no suicídio, quem sofre a transformação. A movimentação em busca destas novas formas de lidar com as demandas da psique está presente, porém o conflito ainda parece grande. Espera-se que logo eles possam encontrar algo que os equilibre sem a necessidade de ser auto-destrutivo, como eram em tempos anteriores, quando os *kaiowá* podiam migrar e tinham um *tekoha* onde podiam agir do modo de ser guarani.

O feitiço está a toda volta entre os indígenas. O outro, aquele que lança os feitiços e assassina os *kaiowá*, parece encarnar a sombra deste grupo. Porém, os feitiços não tem corpo e contra eles não é possível guerrear. Os indígenas acabam ficando a sua mercê, sendo contaminados e mortos. Os conteúdos sombrios estão vindo como que “de fora”, de forma altamente destrutiva e agressiva para o “eu”, e acaba por condenar muitos *kaiowá*.

Apesar de toda agressividade, as almas encontrarão seus destinos e completarão um ciclo de retorno aos deuses. A morte não é tão ruim quanto parece ser, pois ela é parte da vida guarani. Por ser uma morte violenta, o suicídio faz com que as almas levem mais tempo para se restabelecer, mas ela sempre tomará o seu

rumo, pois é divina. Por mais que o “eu” esteja fragilizado, o *self* sempre estará na psique, como organizador, seu centro e seus limites. O fascínio que o inconsciente exerce sobre a consciência e uma identificação do “eu” com o *self*, querendo tornar-se ele, traz alguma compreensão sobre o caso do suicídio *kaiowá*. Eles realmente podem tornar-se homem-deus. Para isto, o “eu” tem que ser minimizado e dar voz à alma.

Para os *kaiowá*, talvez como Levcovitz sabiamente aponta, o fenômeno do suicídio seja também a manifestação do complexo guerreiro antropofágico tupi-guarani, que a atual conjuntura, negando a eles seus ritos de “boa morte”, a guerra contra o inimigo e o próprio direito de ir e vir, nas suas migrações em busca da *terra sem mal*, encontram no suicídio o restabelecimento da “boa morte”.

Por fim, o suicídio pode estar encarnando todas as possibilidades aqui apresentadas, e muitas outras das quais ainda não se faça ideia. Inclusive pode não ser nenhuma destas também. O mais importante é o que podemos ter mais segurança em afirmar é que este é um fenômeno da alma, e é desta forma que ele deve ser sempre observado, estudado e abordado.

O mais interessante é pensar como o suicídio entre os *kaiowá*, um fenômeno que em um primeiro momento me chocou pela expressividade, que gerou sentimentos de revolta à toda a sociedade, considerada a grande “vilã”, acaba nos confrontando com pré-concepções inteiramente arraigadas ao nosso olhar e das quais temos que nos despojar quando lidamos com uma cultura tão diferente. Nem que seja para descobrir, lá no final, tudo o que temos de semelhante, pois na psique encontra-se todas as possibilidades.

O tema volta-se para nós mesmos e reflete nossos temores, talvez culpa face à destruição atroz do *habitat* guarani processado nas últimas décadas e nossa contribuição para a deterioração da qualidade de vida desta população. “A repercussão internacional representa uma compreensão alarmante de um problema mundial, de destruição da natureza e do homem que aí vive.” (ALMEIDA apud LEVCOVITZ, p. 25)

Alguns projetos práticos foram implantados para tentar diagnosticar as demandas e os fatores que poderiam estar por trás do suicídio entre os *kaiowá*. Como já citado, um deles foi o trabalho da psicóloga Maria Pereira, que infelizmente não deixou mais relatos escritos sobre a metodologia e as análises realizadas, que poderiam contribuir para novas propostas de trabalho de campo. Porém, este é o

único caso que encontrei que um psicólogo fez um projeto para trabalhar diretamente na questão da auto-agressão entre indígenas. O projeto *Kaiowá/Guarani*, por exemplo, apesar de colocar o tema como tendo alta importância, não conta em sua equipe com um psicólogo ou outro profissional da saúde. Não sei se ainda os profissionais de outras áreas não sabem que contribuição a psicologia poderia fornecer para o caso, ou se os psicólogos não estão dispostos a entrar neste campo.

Esta constatação vai de encontro com o alerta de Hillman, para o fato de que “a psicologia não tem prestado suficiente atenção à morte. Quão pouca literatura existe em comparação com estudos dedicados as banalidades da vida!” (HILLMAN, 2009, p. 67). A morte, assim como os *kaiowá* a encaram, é parte da vida. “É na vida que surge o suicídio” (HILLMAN, 2009, p. 24), e enquanto formos inteiramente vivos o tema da morte sempre estará presente e exigirá voz e vez.

É muito interessante como nós, na grande parte dos estudos tomamos o suicídio como algo terrível, cruel, que deve ser evitado e que está imbuído em si um desespero enorme e uma tristeza profunda individual que leva as pessoas a se suicidarem, sejam elas quem forem. Porém, a forma que os próprios índios encaram estas mortes, o que faz sentido para eles, é algo que não pode ser negado. Temos que encarar o fato de que para nós o suicídio é algo completamente diferente do que é para os *kaiowá*. Enquanto para nós o suicídio é o ápice da angústia humana, para eles o suicídio é um assassinato. Quem mata e quem morre, porém, não é algo muito fácil de definir.

Por estas diferenças enormes, não se pode generalizar o suicídio, nem partir para uma perspectiva da prevenção. Hillman nos alerta disto diversas vezes em seu livro “Suicídio e Alma”, pois quando se quer salvar o corpo, ao internar as pessoas, drogá-las com entorpecentes que anestesiaram o sujeito, a alma é que muitas vezes acaba sendo prejudicada, sendo vedada a ela as experiências que ela necessita. “Toda vez que o tratamento negligencia diretamente a experiência, enquanto tal, e apressa-se em reduzi-la ou superá-la, algo está sendo feito contra a alma; porque a experiência é o alimento próprio e único da alma” (HILLMAN, 2009, p. 32).

É inegável observar como a psicologia ainda precisa estudar com afinco os fenômenos que fogem do padrão da sociedade ocidental judaico-cristã. Apesar de termos um conhecimento grande que já pode, com contribuições de grande valor, ajudar no desvelamento de certos fenômenos, como o suicido indígena, ficamos

muito aquém, tanto teoricamente quanto na prática. Assim como Hillman falou, os estudos das banalidades consomem as nossas preocupações, enquanto o que é relevante acaba sendo deixado de lado. Chegou a hora de a psicologia ocupar o seu lugar no mundo, porque ela é a única área que foca seus olhares para as demandas da alma onde ela quer que esteja. E como é possível perceber em fenômenos como o suicídio entre os *guarani-kaiowá*, a alma está exigindo o seu lugar das mais diversas formas e pelo mundo todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rubem F. T. de e MURA, Fábio. **Guarani-Kaiowá**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

CLASTRES, Pierre. **A fala sagrada**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

CIMI. Violência contra os povos indígenas no Brasil. Ano 2009. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=4835&eid=397>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

HILLMAN, James. **Suicídio e alma**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEVCOVITZ, Sérgio. **Kandire – o paraíso terreal**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **A morte como apelo para a vida – o suicídio kaiowá**. In Saúde e povos indígenas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

OLIVEIRA, Cleane S. de e LOTUFO NETO, Francisco. **Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro**. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 30, 2003. Disponível em: <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol30/n1/pdf/4.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

PEREIRA, Maria Aparecida da Costa. **Uma rebelião cultural silenciosa**. Brasília: FUNAI, 199.

SAMUELS, A., SHORTER, B. & PLAUT, F. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/abertura.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2010.